



RONALDO JUNQUEIRA

Editor-Geral

QUEM ANDOU FECHANDO A DEMOCRACIA

Por que Capital da Abertura?

É muito simples. Aqui é que foram dados os passos decisivos para a liberalização recente do regime e trançada a rede de sustentação entre os homens do governo e do parlamento, no grande acordo urdido ainda à sombra do autoritarismo do AI-5. Foi em Brasília, que Petrônio Portella passeou sua competência em mão dupla entre os palacianos de Geisel-Golbery e um Congresso sofrido, mas rebelde e apressado.

O que buscamos é resgatar, com a presente edição, o compromisso democrático que esta cidade sempre teve, mas que certa imprensa do "exterior" sempre insistiu em culpá-la pelos desmandos autoritários, esquecendo-se talvez que os homens que empunhararam os atos de exceção eram exatamente oriundos desse mesmo "exterior". Brasília, uma realidade cultivada e detectada pelo **Correio Braziliense** há 23 anos, nunca teve vocação autoritária. Que o diga o Sr. Jânio Quadros, que foi por ela expelido, quando aqui aportou com irrefreável vocação de capitão do mato.

Os atentados contra os procedimentos democráticos nessas duas últimas décadas não tiveram em Brasília sua fonte inspiradora. A cidade foi e tem sido (e esta é sua função) desaguadouro de pressões, justas ou não, surgidas ao longo da intrincada geografia que chega aos centros do poder. Basta lembrar que até mesmo os AIs foram elaborados e comunicados ao País a partir do Rio de Janeiro. Brasília apenas sofreu as consequências de ver o Congresso fechado, com profundos reflexos na sua vida econômica e até mesmo mundana. Foram tempos difíceis, pois a sortida obscurantista não mexeu apenas com a cabeça do brasileiro, mas teve a ver com seu próprio bolso, já que houve um arrefecimento geral dos negócios. O resto do País, é bom lembrar, já vivia os bons tempos do "boom" econômico do medicismo.

Até quando será preciso dizer que Brasília é uma cidade fruto da vontade dos homens de conquistar o País, mas que não foi concebida para aprisioná-los? Alegam seus críticos que ela é fria e distante do resto da Nação. Grossa mentira. Ela é apenas um somatório das vontades nacionais. Ela busca refletir a média do País. Não é e nunca será o "país", como acontece com Paris, Buenos Aires e Londres.

Quanta imbecilidade se tem escrito sobre a falta de esquinas, de alma enfim, desta cidade. Basta folhear esta edição para ver que ela já exerce na plenitude sua vocação de proporcionar vida ativa a sua população. Se não, como explicar que parlamentares e funcionários graduados do governo aqui permanecem ao fim dos seus mandatos e missões?

E preciso não confundi-la com aqueles que, como diria nosso editor de cidade, por aqui circulam como se estivessem passando por uma estação espacial.

O **Correio Braziliense**, que acompanha Brasília desde o primeiro dia, só para dar um exemplo, está se integrando à vocação nacional da cidade, ampliando de modo substancial sua circulação a todo o País. Achamos que é nossa obrigação desmistificá-la, integrá-la, à vida nacional. É um processo de mão dupla, obrigação natural de um veículo criado com vocação pioneira.

O trabalho que hoje entregamos aos nossos leitores, em especial aos novos congressistas, busca refletir a nova realidade política brasileira e estabelecer claramente a relação da cidade com seus centros de poder. Buscamos também a alma de Brasília, que vai muito além das corriqueiras realidades geradas a cada instante no Planalto e no Congresso.

A própria questão da representação política da cidade, que inexiste, precisa ser repensada à luz do processo de abertura política. Aqui vivem 1 milhão e trezentas mil pessoas que, ao contrário do que muita gente pensa e diz, gostam muito da cidade e estão preocupadas com seus destinos.

A cidade, a exemplo de outras metrópoles brasileiras, também inchou e sofre as consequências de um acelerado processo de migração, com sua capacidade de oferecer serviços públicos (ainda os melhores do País) sendo desafiada constantemente.

Brasília nasceu e mantém a vocação do País do futuro e realmente não está vocacionada para as concessões ao subdesenvolvimento político e cultural. Sua missão, herdada dos fundadores, é ajudar na luta contra o atraso que muitos teimam em impingir ao País.

Que a "capital da abertura" cumpra sua missão é nosso propósito com essa edição voltada preferencialmente à classe política. O leque de opiniões expressas por nossos colaboradores dá bem a idéia do quanto caminhamos rumo à consolidação da democracia, este sim, um processo surgido e comandado a partir desta cidade.